

Martins&Montero
e Nara Roesler
apresentam

lydia okumura
a imaterialidade
em tudo

abertura
8 de junho, 2024

exposição
8 de junho – 3 de agosto, 2024

nara roesler

**Martins
& Montero**

lydia okumura: *a imaterialidade em tudo*

As galerias Martins&Montero e Nara Roesler apresentam *A imaterialidade em tudo*, mostra panorâmica da artista nipo-brasileira Lydia Okumura (São Paulo, 1948). A exposição acontecerá simultaneamente nas duas galerias, abrangendo três décadas da carreira de Okumura – dos anos 70 aos 90, e apresentará cerca de 30 obras, incluindo pinturas, esculturas e instalações em grande escala, sendo algumas destas inéditas.

Por mais de cinquenta anos, Okumura empregou a abstração geométrica para investigar a compreensão e a experiência do espaço, expandindo suas possibilidades através de forma e cor. Utilizando materiais como barbante, arame, tinta acrílica, vidro, alumínio, carvão e grafite, Okumura concebe instalações *site-specific* que se relacionam diretamente à arquitetura do espaço expositivo. Nelas, planos são pintados nos cantos das paredes que se conectam por fios, resultando em formas geométricas que se projetam no campo espacial e criando a ilusão de objetos tridimensionais. Embora a sua prática possa ser enquadrada na tradição minimalista, a *op art* também está em jogo. Através de intervenções modestas, porém engenhosas, Okumura questiona a percepção da nossa presença corporal no ambiente.

No campo da pintura e desenho, práticas adotadas a partir do início dos anos 70, Lydia se mantém fiel aos seus questionamentos e segue propondo as mesmas questões espaciais. Suas composições abstratas simulam configurações geométricas em espaços arquitetônicos onde o uso da cor é crucial para sugerir tridimensionalidade através de variações cromáticas.

Lydia faz parte de grupo de artistas como Tomie Ohtake, Lygia Clark, Lygia Pape e Mira Schendel, que ajudaram a definir a arte conceitual como a conhecemos. Através de pinturas, instalações e esculturas produzidas com recursos mínimos, as obras da artista desafiam conceitos pré-concebidos de espaço. Dada essa relevância e status de referência, Lydia justifica um grande movimento colaborativo entre duas das mais proeminentes galerias do país, visando a expansão da sua presença em um momento que celebra sua carreira e contribuição à arte.

Sobre a colaboração neste projeto, as galerias compartilham visões muito claras. “Colaborações entre galerias é uma tendência super atual e, em nossa visão, uma evolução saudável e bem vinda ao nosso setor. Para nós, a união de potências representa oportunidades para ampliar a presença de uma artista seminal como a Lydia”, comenta Jaqueline Martins, sócia fundadora da Martins&Montero.

“Acreditamos que a obra de uma artista como Lydia Okumura pode render diálogos muito interessantes e prolíficos com os artistas de nosso programa. A parceria com a Martins&Montero surgiu da vontade em comum que temos em fazer com que a obra de Okumura possa alcançar públicos cada vez maiores dentro e fora do Brasil”, acrescenta Alexandre Roesler, sócio e diretor da Nara Roesler.



Lydia Okumura, sem data.
Foto: © Ding Musa

lydia okumura: *a imaterialidade em tudo* pontogor

Este texto faz uso de algumas frases de Lydia Okumura retiradas de entrevistas. Estas citações estão marcadas em negrito e itálico.

Cito também a pesquisadora Maria Continentino Freire, na tese “Pensar ver: Derrida e a desconstrução do ‘modelo ótico’ a partir das artes do visível” de 2014, sempre em itálico e entre aspas.

Quero expressar a imaterialidade em tudo
Lydia Okumura

“A obra é sempre aquilo que nos olha da sua mudez absoluta, que apela nossa atenção sem, contudo, co-responder ao nosso olhar, ao nosso pedido de revelação. Ela é aquilo que, chamando-nos, não se dá à relação, ri-se de toda projeção sobre ela e escapa”.
Maria Continentino Freire

Uma grande forma geométrica parece se desprender de uma das paredes. Dela se despegando e nela se fundindo, bem à minha frente. Vejo alguns de seus contornos como quem vê um desenho no papel. Mas parte dos seus traços desenharam o espaço fora da parede, fora do papel. O chão da galeria, que em outros casos passaria despercebido por mim, agora se reforça como suporte para esse desenho. Caminho sobre o chão; e sobre a obra, caminho. Meus movimentos torcem e destorcem a enorme figura, que de modo simples e econômico, me apresenta ideias. **Uma ideia, uma verdade, um fragmento de conhecimento catalisam sentenças.** Como essas que, nesse texto, começam a se rascunhar.

Se, em um primeiro momento, apreendo as geometrias como se fossem cubos, depois já não posso mais afirmá-lo. Esse fletir dos contornos em *Metamorphosys II* (1981) ocorre igualmente quando observo *Standing Within The Horizontal* (1978) e *One Is Three Within* (1982). A transformação do espacial, **desde as superfícies tridimensionais até as planas, com as multidimensões perceptíveis pela mente** -, ocorre diante e junto de mim. Mas não só: ela acontece também por detrás da visão.

“Debruço-me aqui sobre o desenho, uma vez que no desenho, na experiência do desenho, está em jogo a experiência do traço. É a experiência do que vem colocar um limite entre espaços, tempos, figuras... mas um limite que é ao mesmo tempo condição da visibilidade e invisível”.

Ao pensar, buscamos, involuntariamente, montar o quebra-cabeça que nos rodeia. É quase uma obsessão tentar juntar as partes ou completar as lacunas na expectativa de suscitar imagens que sejam coerentes e reconhecíveis para nós. Mas a um só tempo, como num jogo ao revés, aquilo a que se chamou *percepção* parece agir confundindo a nossa experiência do entorno ao criar perspectivas ilusórias distantes do que de fato ali se desenrola – ou se desenha –, abrindo lugar para a fantasia. E, então, duvidamos.

No esforço por compreender o que nos envolve, inventamos narrativas, possibilidades, *espécies de espaços*. É o que faço aqui, enquanto escrevo. Quando algo destoa do padrão intelectual comum, como quando um fio ou barbante que, esticado entre dois pontos, se disfarça ou transmuta em traço desenhado na parede e já não é possível saber se é bidimensional ou tridimensional –, a percepção enverga, até mesmo se quebra, e somos forçados a reinterpretar o ambiente agora considerando a estranha novidade. Eis o imponderável.

Os trabalhos de Lydia Okumura me tocam pelos espaços entre as coisas que meus olhos podem tocar. Boa parte do que vemos nos desenhos, pinturas e *situações* de Lydia Okumura aqui expostos, não ocorre nem no espaço entre os nossos olhos, nem nos limites por eles

alcançados, mas sim por detrás deles, no seu piscar. Nisso que poderia ser uma “entrevisão”. Pois a piscadela, o sutil movimento das pálpebras, não é apenas o que priva a vista, mas também o que permite ver, “*assim como o sentido do texto também se dá nos brancos da escrita*”.

Há, ainda, os volumes. Na instalação *Relocation Of The Cube* (1972), o espaço vazado da grama se preenche e avança, por espelhamento, em direção ao vazio acima do chão – a depender do ponto de vista. Ou melhor, dos pontos de vista.

A experiência do espectador é uma consciência refletindo-se a si mesma, quase como em um espelho estamos a refletir-nos a nós próprios. O que acontece dentro de nós é a experiência, e essa experiência é também o meu trabalho.

O ar entre os cordões fixados nas paredes e no chão da galeria em *Sem Título* (da série *Appearance*) se faz preenchido de pintura. As camadas de tinta são tão espessas que criam um bloco maciço e tridimensional. Não o vemos por fora dos olhos, mas ele está lá. Pois o que não é visível é precisamente aquilo que devolve a visão para o observador, lembrando de olhar ver, pensar ver.

—

Tento com um olho ver as obras e com o outro enxergar o que nelas não vejo; o que está lá e o que não está mas a constitui. Como um buraco, que só existe pelo que se acha à sua volta. Mas “o que é um buraco”? perguntava um palhaço ao seu compadre. Percebendo o embaraço do outro, declara triunfante: “um buraco é uma ausência cercada de presença”, como disse René Daumal em *A Patafísica dos Fantasmas*.

Então, a mim – a nós -, cabe rodear as obras de Lydia Okumura, caminhar nas suas bordas e pelos limites que elas traçam no espaço. Seguir seus fios.

Diante de *Vertical/Horizontal* (1976), sou lembrado de que enxergo a partir de uma visão binocular: ao tapar um dos olhos, vejo algo diferente do que enxergo ao tapar o outro. Tenho dois pontos de vista em uma única cabeça. Os ângulos de visão a nós revelados por esse políptico, levam-nos a andar mentalmente em um espaço virtual, de possibilidades. E são os desenhos de Lydia que projetam esse caminhar.

É intrigante perceber como abrir e fechar espaços não é tarefa fácil. Quando nos deparamos com o canto no qual está *situado Metamorphosys II*, onde a pintura das paredes e parte do piso brincam com nossa consciência espacial, é aberto um portal para lugares antes inexistentes; uma passagem que nos leva a reinterpretar o que nos cerca, transformando não só a sua arquitetura, como até mesmo as possibilidades de ocupação por quem nela caminha.

Esse texto é um relato, *um ponto de vista*. Traço-o assim, “*pois escrever sobre uma obra acaba por revelar a nossa projeção sobre ela como desejo de apropriação daquilo que não vemos, daquilo que escapa*”. E talvez isso explique as ambiguidades inerentes às minhas tentativas em manter um caminho claro e objetivo enquanto escrevo. Pois escrevo fora da parede, fora do papel.

O que fica em aberto?

O que se completa?

Quais novos espaços surgem quando somos conduzidos pelas obras de Lydia Okumura e com elas passeamos?

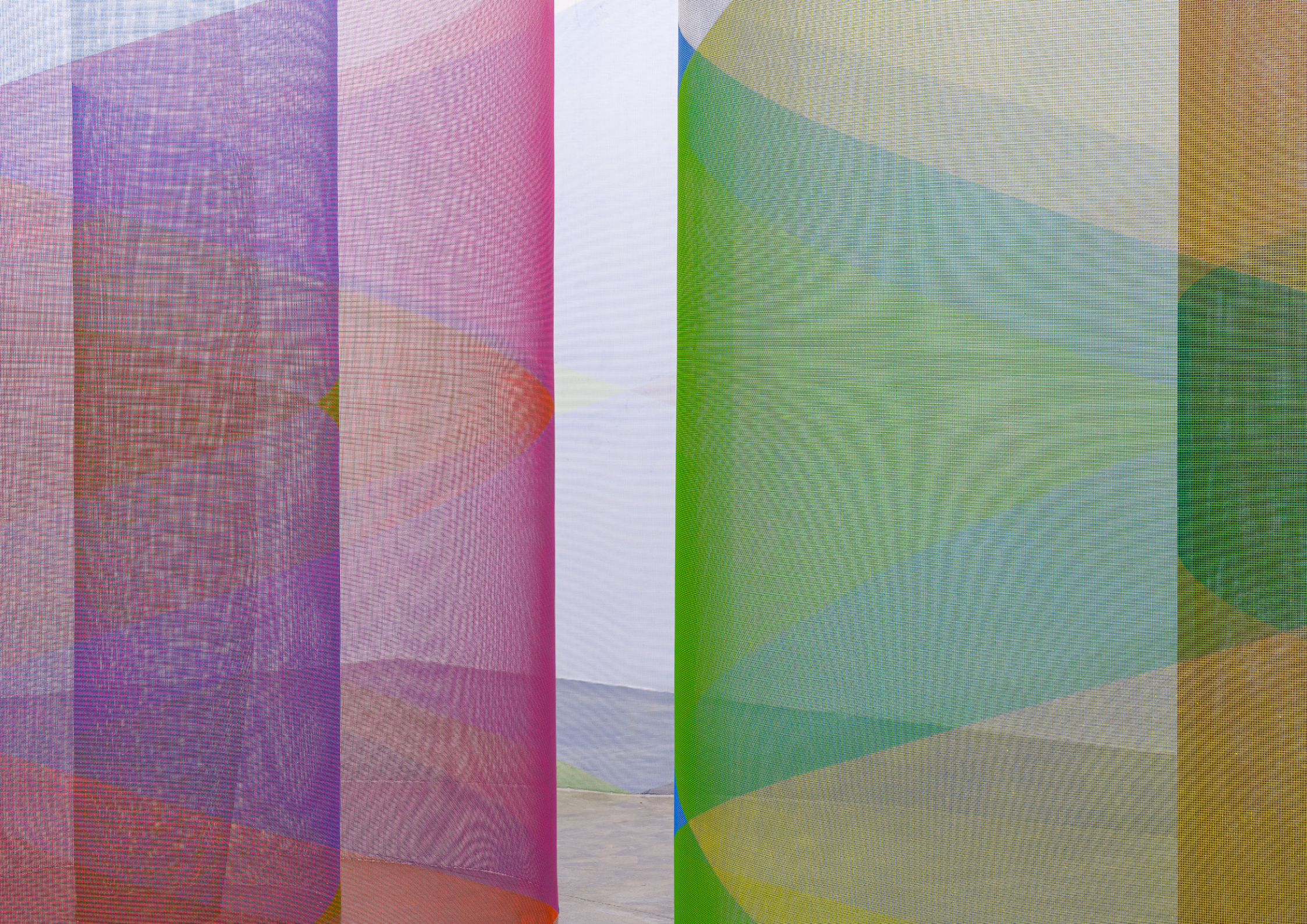


Lydia Okumura, sem data.
Foto: © Paulo Di Giulio

Labyrinth (Variant II), 1984
malha de arame de aço
inoxidável e tinta acrílica
dimensões variáveis



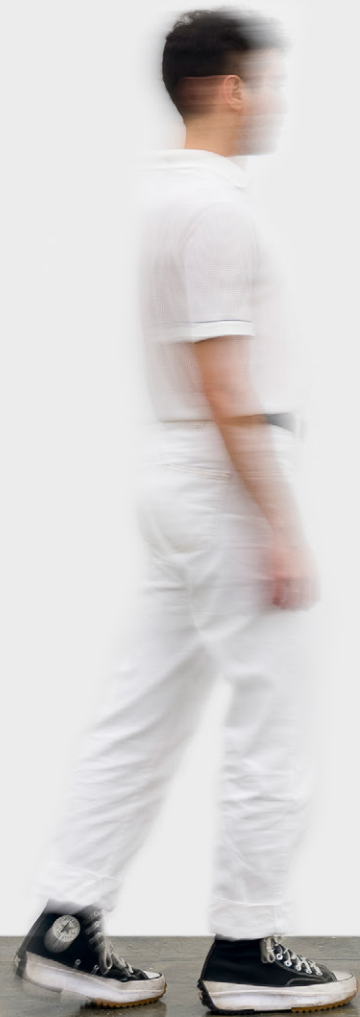
Vista da exposição da instalação Labirinto.
© Hall Art Foundation
Foto: Roman März.





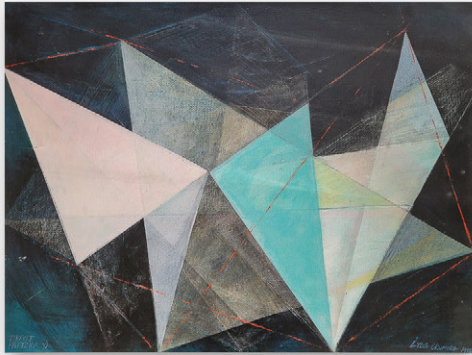
Vista da exposição da instalação Labirinto.
© Hall Art Foundation
Foto: Roman März.

Different dimensions E, NYC, 1990
tinta acrílica sobre tela
unique
102 x 142,5 x 3,5 cm





Thought Pattern T, 1986
tinta acrílica sobre papel
unique
56 x 76 cm

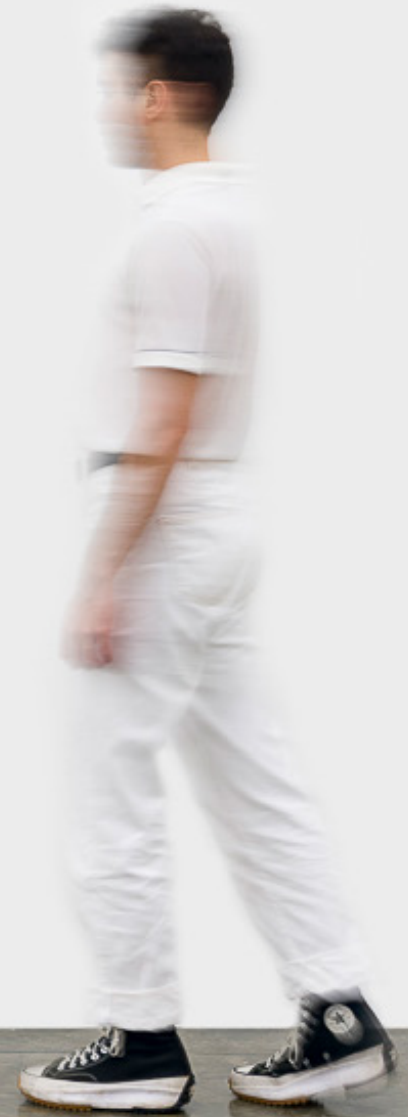




THOUGHT
PATTERN (T)



No Centro, São Paulo, 1985
tinta acrílica sobre tela
unique
170 x 170 x 3 cm



Thought Pattern B, 1986
tinta acrílica sobre papel
unique
56 x 76 cm



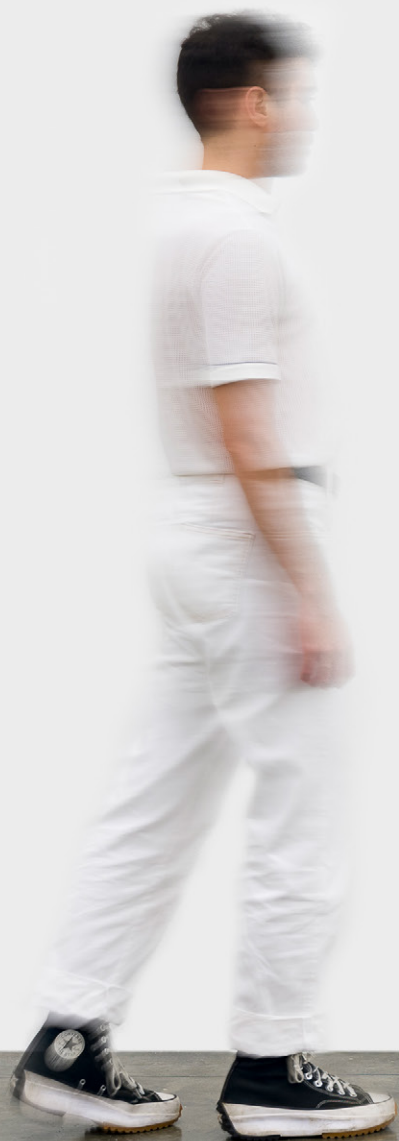


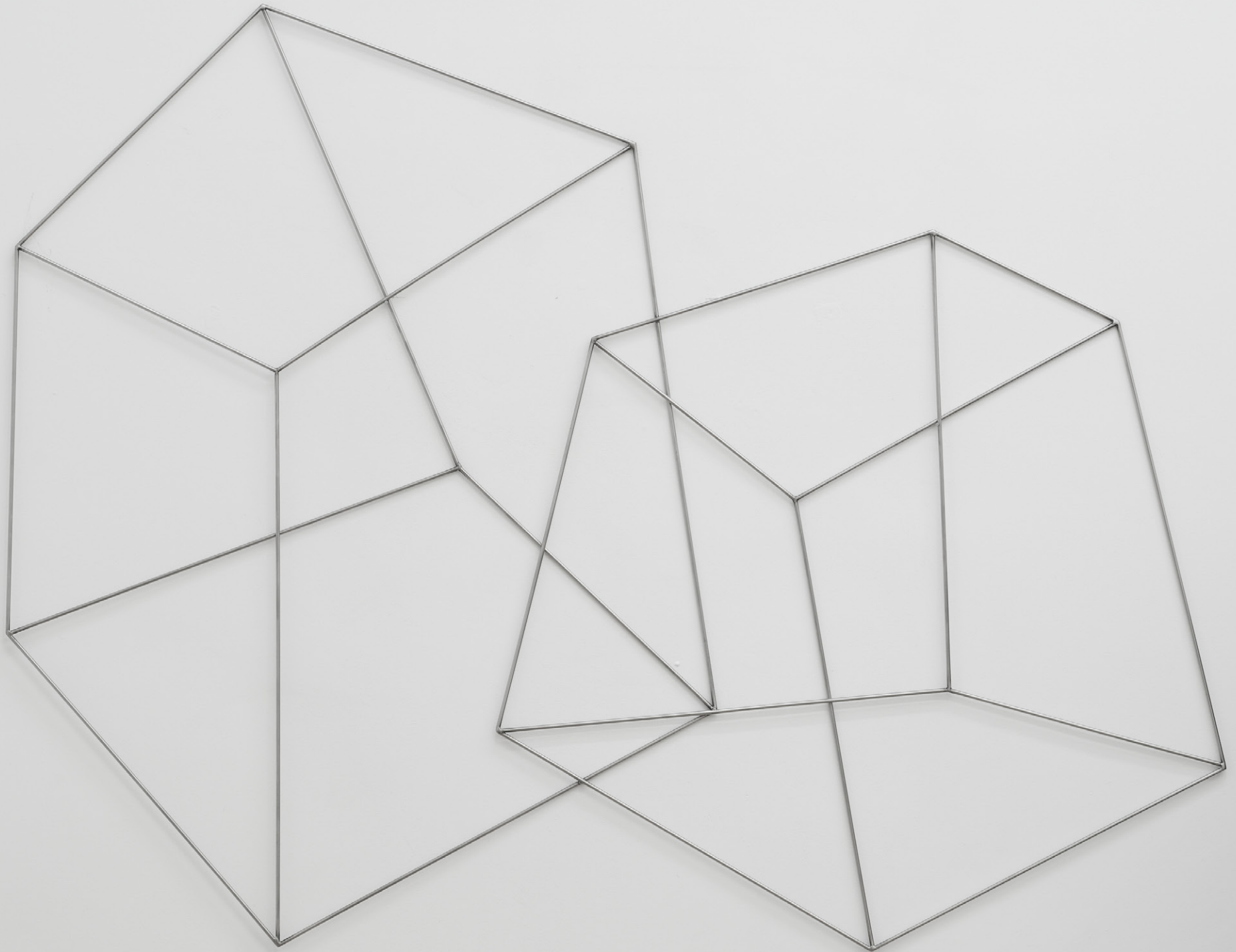
Sem título, sem data
tinta acrílica sobre papel
unique
56 x 76 cm



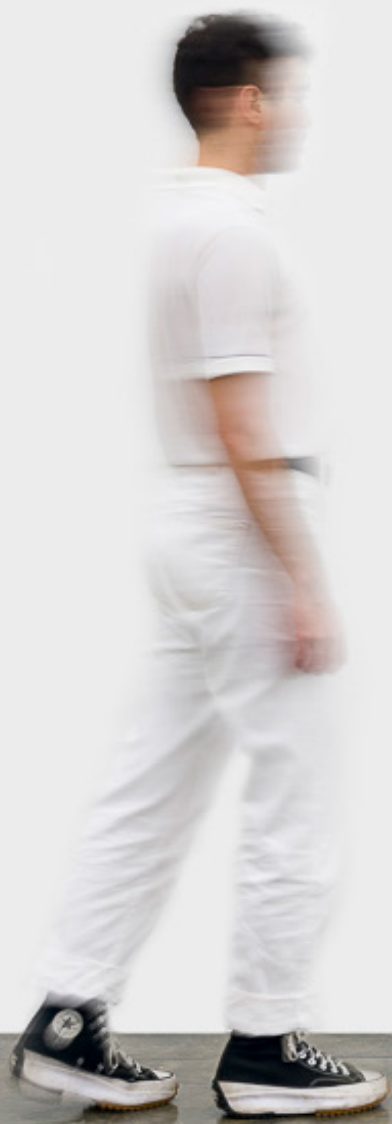


Double, 1984
barras de aço inoxidável
edição de 3 + 1 PA
110 x 150 cm





Sem título, São Paulo, 1982
tinta acrílica sobre tela
unique
170 x 170 x 3 cm

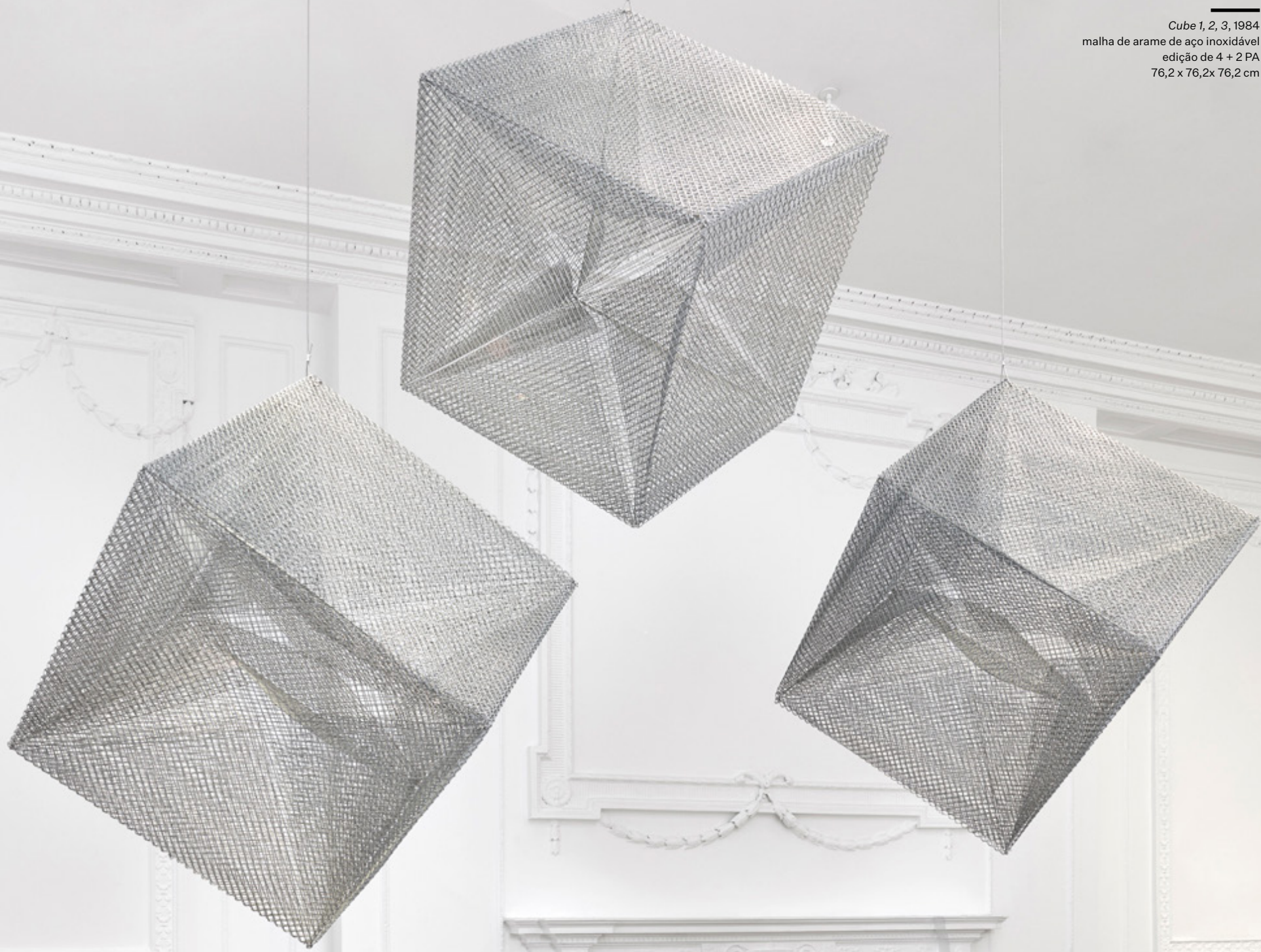






vista da exposição Thaddaeus Ropac

Cube 1, 2, 3, 1984
malha de arame de aço inoxidável
edição de 4 + 2 PA
76,2 x 76,2x 76,2 cm



lydia okumura

n. Osvaldo Cruz, Brasil, 1948

Vive e trabalha em Nova York

Lydia Okumura iniciou sua carreira artística na década de 1970. Tendo inicialmente se interessado pela cerâmica, cursou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) entre 1970 e 1973, momento em que tomou contato não apenas com o legado deixado pela abstração geométrica brasileira, como também com movimentos artísticos internacionais que lhe eram contemporâneos, como a Arte Conceitual, cada vez mais forte no Brasil, e o Minimalismo. Dessas investigações, surgem trabalhos em diferentes suportes, como desenho, serigrafia, litografia e xilogravura, se destacando em especial as obras instalativas site-specific, que constituem parte bastante expressiva de sua poética. Ao lado de Genilson Soares e Francisco Inarra, entre 1970 e 1974, integrou o grupo Equipe3, através do qual realizou trabalhos e ações, além de ter participado da 12ª Bienal Internacional de São Paulo (1973).

Com uma pesquisa visual baseada em elementos abstratos essenciais: planos, linhas e cores, a artista estuda as relações estabelecidas entre eles, mas levando em conta um componente extra e crucial em seu trabalho: o espaço expositivo. Utilizando materiais como cordas, chapas de ferro, lápis e carvão, cria obras que transitam entre o bidimensional e o tridimensional, projetando-se da parede para o espaço de exposição.

exposições individuais selecionadas

- *Lydia Okumura*, Hall Art Foundation, Hildesheim, Alemanha (2022)
- *Lydia Okumura*, Galeria Jaqueline Martins, São Paulo, Brasil (2021)
- *Volume 84*, Galerie Thaddaeus Ropac, Londres, Reino Unido (2019)
- *Situations*, Scottsdale Museum of Contemporary Art, Scottsdale, EUA (2018)
- *Five Sides and Other Dimensions*, Broadway 1602, Nova York, EUA (2017)
- *Situations*, UB Art Galleries, Buffalo, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *This Must be the Place*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)
- *Dimensions of Reality: Female Minimal*, Galerie Thaddaeus Ropac, Paris, França (2020)
- *The Women Geometers*, Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2019)
- *Light, Line, Color and Space*, UB Art Galleries, University of Buffalo, EUA (2018)

coleções selecionadas

- Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art, Nova York, EUA
- The University of New York, UB Anderson Gallery, Buffalo, EUA
- Akron Museum of Art, Ohio, EUA
- Museo Reina Sofia, Madrid, Espanha
- The Hall Art Foundation, Derneburg, Alemanha
- The Hara Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japão
- Guggenheim Museum, Dubai, Emirados Árabes Unidos

nara roesler

são paulo

avenida europa 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art